

As Aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação

Maria do Carmo Sepúlveda Campos

Universidade Federal Fluminense - UFF

*“Hay hombres que luchan un día
y son buenos.
Hay otros que luchan un año
y son mejores.
Hay quienes luchan muchos años
y son muy buenos.
Pero hay los que luchan toda la vida:
esos son los imprescindibles.”*

(Bertolt Brecht)

*“Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.”*

(Antonio Machado)

Com *As Aventuras de Ngunga* somos conduzidos por Pepetela ao interior de Angola, penetrando, assim, nos bastidores da luta armada: local de muitas experiências no percurso da construção da identidade nacional. Na noite espessa do colonialismo, abre-se a *literária e a esperança na construção de uma nação livre e soberana – tão forte como o imbondeiro ou o crescer da buganvílias – se torna metáfora indomável*¹. O sonho que há tanto tempo vinha sendo tecido com os fios da resistência, com a força paciente dos que aprenderam a silenciar e com a coragem dos que fizeram da conquista da liberdade seu maior desafio só poderia concretizar-se quando trincheiras rasgassem o solo de Angola para defender seus filhos enfim dispostos a pegar em armas na luta pelos seus direitos. É o momento em que a vida sem a independência perde completamente o sentido. Então é chegada a hora de tudo arriscar e, para tanto, não bastam *hombres que luchan un día*, nem *otros que luchan un año* ou *quienes luchan muchos años*, são necessários *los que luchan toda la vida*, ou seja, *los imprescindibles*. São imprescindíveis os que, acreditando que *el sueño se hace a mano y sin permiso*¹, são capazes de se entregar a sua construção com todas as armas disponíveis, tanto as que são prolongamento do seu corpo – voz, letra, gestos e idéias – quanto as que são conseguidas na clandestinidade ou arrancadas das mãos que tentam exterminá-los.

Pepetela é um destes *imprescindibles* para a independência de Angola. Escreve *As Aventuras de Ngunga* enquanto batalha contra os colonialistas na Frente Leste (1972). Faz uso das armas de que dispõe na dura peleja pela libertação e, nisso, aproxima-se de tantos outros guerrilheiros angolanos que, irmanados com revolucionários de todo o mundo pelo ardente desejo de liberdade, aliaram ação bélica, pensamento político e criação literária para combater os adversários. É interessante lembrar que na segunda metade do século XIX, intelectuais portugueses tomaram conhecimento dos avanços socialistas por que passava a França e se manifestaram solidários às suas lutas políticas e reivindicações, passando também a organizar seus comitês e buscar espaço para publicações de cunho

social. Reprimidas as manifestações políticas, os anseios de transformação se transferiram para o domínio da literatura - “A mocidade, coagida a embainhar a espada em meio da batalha campal, lançou mão da pena e a indignação, levantando os espíritos juvenis, imprimia nas obras dos moços escritores um cunho de vigor e de paixão sincera” .²

Outros tempos, outro espaço, outras lutas, outro tom revolucionário, porque em Angola a força da resistência não permitiu que as espadas fossem *embainhadas* e sim, aliadas ao poder da escrita. Referindo-se a Costa Andrade, temos palavras de Rubens Pereira que igualmente poderiam ser dirigidas a Pepetela:

*“Seguindo os passos de Agostinho Neto, com certeza, Costa Andrade produziu uma obra riquíssima. Ao mesmo tempo que enfrentou as forças coloniais nos campos de batalha, escrevia versos cheios de lirismo, numa magia admirável a pena e a metralhadora uniam-se no sentido da libertação, aliás uma dupla libertação: a do homem que exprimia seu estado d’alma; a da pátria que vivia submetida ao estrangeiro”.*³

A cena literária angolana traduz tão bem o sonho de liberdade dos guerrilheiros-escritores quanto os romances de Máximo Gorki exprimem o nascimento do socialismo na sociedade soviética ou como as canções de Silvio Rodriguez a convocarem os cubanos a se erguerem contra a dominação americana. A luta do homem pela independência ultrapassa fronteiras, rasga distâncias e se atualiza em todos os espaços onde a injustiça e a opressão constroem seus reinados. Da necessidade de levar o povo a compreender a urgência de uma tomada de posição em favor da reconstrução e da reconquista da liberdade nascem obras literárias que representam recortes da realidade social e política de diferentes épocas e espaços. Assim, num momento histórico dramático para o povo angolano, nasce *As Aventuras de Ngunga*. Nossos comentários são ratificados pela afirmação de Salvato Trigo:

*“era necessário apresentar heróis da resistência ao sistema colonial para despertar, por um lado, a consciência política dos colonizados, e, por outro lado, para alimentar e desenvolver o movimento de libertação nacional”.*⁴

E acrescenta:

*“Domingos Xavier não é, portanto, um herói individual, mas colectivo: ele tornou-se um símbolo da resistência e um modelo de conduta política como aconteceu, aliás, com Augusto (sic) Ngunga, o herói de **As Aventuras de Ngunga** do escritor angolano Pepetela.”*⁵

Entre as muitas personagens, símbolos de resistência, que compõem a galeria dos que vieram à luz para divulgar entre os angolanos a convicção de que a luta pela libertação exigia homens incorruptíveis e dispostos a tudo fazer pela reconquista da terra, destacamos

o jovem Ngunga em sua trajetória de aprendizagem de como tornar-se um guerrilheiro modelo, através da conquista da integridade, do auto-conhecimento e da consciência política. Pepetela, por conhecer na prática o interior da engrenagem política que se organizava a favor da independência, detecta com lucidez as peças que emperram seu funcionamento e denuncia, através de sua ficção, o prejuízo causado por posturas equivocadas, apontando comportamentos que poderiam contribuir para o aperfeiçoamento das estratégias de luta. Por isso, repetimos aqui a indagação de Jacqueline Held:

“Quando o escritor sonha, as características que atribui, quer ao homem de amanhã em curso de gestação, quer ao habitante de outro planeta, não seriam, em muitos casos, os poderes que desejaria possuir diante das pressões de uma natureza e de uma sociedade que o limitam e o asfixiam?”⁶

Acreditamos que Ngunga, em função do contexto em que é gestado, espelha todas as virtudes essenciais ao modelo de identidade angolana com que o escritor em questão deseja ver formadas as novas gerações de sua terra que deverão sustentar as conquistas já alcançadas e dar continuidade ao aprofundamento das lutas pelas quais se garantirá o futuro da nação que naquele momento está sendo construída. Avaliando o significado cronológico da obra de Pepetela, atentamos para o fato de que, na origem da narrativa de que nos ocupamos, está o romantismo revolucionário que levou o escritor a apostar (até mesmo sua vida) na construção da utopia de que, com a libertação, todos os problemas da colônia seriam solucionados (posição que mais tarde será questionada em outras obras⁷).

Com efeito, a narrativa de Pepetela traduz as necessidades, as angústias, os dramas existenciais e desejos do homem africano que buscava encontrar sua verdadeira face mesmo que fosse preciso descobri-la no confronto com a morte. No espelho ficcional refletiam-se os conflitos políticos e sociais, as referências à sexualidade, à realidade trágica e cruel das relações humanas que permitiam a adesão do leitor à estória narrada. Com Ngunga, cumpre-se a conquista da independência do homem que investe no resgate da auto-estima, dispondo-se a lutar contra todos os perigos e obstáculos da viagem, arriscando a cada momento sua vida, aventurando-se pelo desconhecido em busca do auto-conhecimento que lhe permitiria atuar pela dignificação do seu povo. Nesse sentido, o autor coloca a personagem face a elementos, fatos, situações e experiências que a fazem refletir, dialogar, elaborar ela própria suas respostas através de questionamentos que põem em xeque a credibilidade de adultos que na condição de líderes deveriam apresentar-se como modelo de seriedade, coragem e verdade.

Ao lado da intenção pedagógica, característica da tradição oral que transparece na narrativa, sublinhamos ainda que o autor atribui à literatura uma função ética que busca interferir no mito da perfeição do universo tradicional africano. Ao assumir uma posição crítica diante da fragilidade das estruturas sociais africanas, Pepetela desmascara comportamentos a serem revistos e alterados para que se cumpra o verdadeiro objetivo do ideal revolucionário. Tal objetivo, rompendo com visões maniqueístas apenas sustentáveis em universos limitados e excludentes, ganha uma dimensão que ultrapassa experiências locais.

As Aventuras de Ngunga reúne exemplarmente os temas da viagem, da guerrilha e da tradição. A viagem – metáfora do processo de iniciação por que deve passar o africano para atingir a maturidade – constitui, na narrativa de Pepetela, o viés que aglutina a guerrilha (aprendizagem de vida essencial no momento em que o texto é gerado) e a

tradição (“concepção africana do mundo”⁸ que, sem os ranços e vícios que a corromperam, deve ser incorporada pelas novas gerações que representarão a identidade da nação em processo de construção).

Vejamos, então, as experiências desvendadas por Pepetela nessa aventura que se desenrola nos bastidores da luta pela libertação de Angola.

Os passos da personagem, a princípio inseguros, vão traçando as rotas, abrindo trilhas que, no dizer do poeta, são construídas a cada movimento do desbravador: *Caminante, no hay camino, / Se hace camino al andar*. Cada marca deixada no chão é única e cada passo define em que direção seguirá o novo caminho. Um guerrilheiro não aprende na escola oficial os segredos de sua batalha, nem o manuseio das armas que, para livrá-lo da morte, deverão ser detonadas contra outro ser humano. Só construindo sua caminhada terá oportunidade de penetrar no verdadeiro universo da guerrilha e desvendar seus mistérios: conhecer a fragilidade de seus líderes, o risco e o fascínio do poder, o caráter pernicioso da mentira e a máscara bolorenta da falsa moral para, de posse de uma visão crítica, refazer, a cada passo, o rumo e a feição de sua própria trilha. Em sua leitura do mundo, Ngunga aprende a decifrar a realidade. Identificando as armadilhas que aprisionam o seu povo e o veneno que enfraquece seus irmãos, capacita-se para enfrentar suas próprias ameaças.

Pela revolução uniram-se, nesse movimento de intensas lutas e de profundas tensões, intelectuais e analfabetos, crianças e adultos, negros e brancos – africanos ou es-trangeiros – que comungavam o mesmo ideal de liberdade, tudo apostando na utopia de que com as suas vidas estavam a construir a soberania de uma nação. Disso decorre o tom épico e didático emprestado por Pepetela a sua narrativa que, em capítulos curtos, tecidos com uma linguagem semelhante a dos *griots*, conta a estória de um pioneiro que se aventura pelas trilhas da sua terra para iniciar-se na arte de ser guerrilheiro. O texto afirma-se como um grito de convocação, como um apelo de adesão às forças revolucionárias e, por isso, apresenta uma personagem-símbolo do que o homem africano pode fazer pela sua terra. À medida que as páginas vão sendo viradas, as lições vão-se apresentando aos leitores que, pelos olhos de Ngunga, penetram no interior de Angola para conhecer seus costumes, seus segredos, suas mazelas e sua grandeza. E os ensinamentos se sucedem. Logo no primeiro capítulo, o autor enfatiza alguns pontos fundamentais: há uma ferida a ser curada urgentemente, pois, caso contrário, trará sérias conseqüências; os inimigos (colonialistas) matam sem piedade velhos e mulheres que trabalham a terra; o homem africano precisa preparar-se para a viagem, conhece bem os caminhos e não teme a noite. Os dados estão lançados, a posição das peças exige nossa atenção e Ngunga nos conduz nessa aventura:

“Houve uns dias com um bocado de fome, porque os colonialistas tinham destruído as nossas lavras. É preciso ir longe buscar comida. Mas agora nossas lavras estão a começar a produzir e a situação vai melhorar.”(p.7)

A lição da reconstrução pelo trabalho paciente e constante que alimenta a esperança cresce significativamente com a associação ao nascimento de uma criança – festa que reúne várias aldeias, motivo de regozijo e celebração que sublinha vários procedimentos habituais da sociedade africana: a importância da participação da coletividade em todos os acontecimentos; a parceria tanto na preparação dos alimentos quanto nas atividades

revolucionárias; o direito que todo visitante possui de participar de uma festa; o respeito à fala dos mais velhos; e, sobretudo, o estabelecimento da reunião comunitária como espaço de troca de informações. Ngunga está atento aos costumes de sua terra e observa o comportamento inadequado do Presidente Kafuxi, registrando sua decepção:

“Lá estava ele sentado ao lado do Responsável do Setor e de outros mais velhos. Quando falava, os outros guardavam silêncio. Mas, se eram os outros a falar, ele gostava de interromper, o que era contra os costumes. E os outros aceitavam.

– Se eu fosse grande, também interrompia a conversa do teu pai – disse ele a Imba.” (p.8)

Estabelece-se, neste ponto da narrativa, a função primordial do protagonista das aventuras: denunciar o desrespeito aos costumes que precisam ser mantidos e questionar os que devem ser alterados, promovendo mudanças que revitalizem a estrutura tradicional. Ngunga caracteriza-se, então, como o herói que não deseja riqueza, honra, poder ou imortalidade, mas que aspira à integridade, ao conhecimento e à sabedoria. Por onde passa deixa a marca de sua atuação. No kimbo do Presidente Kafuxi, desmascara a exploração, a mentira e o egoísmo, revelando, com firmeza e coragem, que, nem sempre as palavras são as armas mais eficientes:

“Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas.” (p.16)

Parte, mas deixa naquela comunidade uma importante lição a ser registrada: os mais velhos devem ser respeitados quando merecem respeito, mas, quando pactuam com a corrupção e são minados pelo desejo de poder, devem ser denunciados para que não enfraqueçam o caráter da nova nação que está sendo construída. Ngunga, duplo do Quixote em sua utopia de consertar o mundo, prossegue sua viagem, tendo, porém, aprendido a desconfiar de valores que considerava inquestionáveis: a veracidade da palavra e a integridade dos mais velhos.

Em sua errância pelas trilhas que serpenteiam por entre os núcleos da luta entre colonialistas e africanos, Ngunga alimenta-se da natureza, investiga a nascente do rio e expressa seu desejo de *ver o mundo* e de saber se *em toda a parte os homens são iguais, só pensando neles* (p.17), o que lhe é facultado ao penetrar no seio da guerrilha, onde passa pela perda de seu mito (Nossa Luta) e tem a oportunidade de conhecer outros guerrilheiros:

“Gostava de ficar nas fogueiras, à noite, ouvindo cenas de guerra. As conversas eram sempre as mesmas: a guerra. Contavam-se episódios velhos ou novos, conhecidos ou não. E todos riam ou batiam palmas ou suspiravam de tristeza. Muitas vezes se falava no Comandante daquele esquadrão, o camarada Mavinga. Todos recordavam a sua coragem e decisão. Mas havia guerrilheiros que diziam que Mavinga tinha um defeito: pensava demais nele mesmo. Ngunga queria conhecer o Comandante. Para ele o defeito de Mavinga não era grave. Qual era a pessoa grande que não era egoísta? Nossa Luta. Mas estava morto, como os seus pais, como a velha Ntumba.” (p.18)

Enfatizando a importância da tradição, Pepetela traz novamente para a cena ficcional as narrativas à volta da fogueira – espaço privilegiado para as aprendizagens que se processam

pela troca de experiências – tema, aliás, muito bem elaborado poeticamente por Manuel Rui e André Mingas no poema/canção “Os Meninos do Huambo”.

*“Com fios feitos de lágrimas passadas
Os meninos de Huambo fazem a alegria
Constroem sonhos com os mais velhos de mãos dadas
E no céu descobrem estrelas de magia
Com os lábios de dizer nova poesia
Soletram as estrelas como letras
E vão juntando no céu como pedrinhas
Estrelas letras para fazer novas palavras
Os meninos à volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão aprender como se ganha uma bandeira
Vão saber o que custou a liberdade
Assim contentes à voltinha da fogueira
Juntam palavras deste tempo sempre novo
Porque os meninos inventaram coisas novas
E até já dizem que as estrelas são do povo.”⁹*

Ngunga, que em suas andanças já aprendera a arte de *soletrar as estrelas como letras* para com elas escrever as constelações que deixava entrever em seus atos por onde passava, encontra, na escola, a ocasião de aprender *como se ganha uma bandeira e saber o que custou a liberdade*. Ao lado dos ensinamentos do professor União (que, como Nossa Luta, traz inscrita em seu nome a simbologia dos pontos-chave da ação revolucionária), o pioneiro vai compreender, com muita dor, a profundidade da ferida causada pela discórdia entre irmãos da mesma raça que deveriam, em vez de lutar entre si, unir forças em torno da conquista da mesma bandeira. Quando Pepetela encena a rivalidade entre a personagem Chivuala e Ngunga antecipa, em sua ficção, os conflitos que assolariam Angola após sua libertação do domínio português, e assegura, através da exemplaridade de seu texto, que o Bem – Ngunga, prevalecerá sobre o Mal – Chivuala, o que fica claro quando este último é expulso da escola:

“O Ngunga é um bom pioneiro, corajoso e sincero. Ele não quis denunciar-te, quando roubaste a comida. E sabia que tinhas sido tu. Suportou a minha desconfiança. Devo dizer que, desde o princípio, pensei que eras tu, Chivuala. Outro qualquer teria vindo dizer-me que tinhas sido tu, para eu não suspeitar injustamente dele. Não o Ngunga. Infelizmente tu não és assim. Tens inveja do Ngunga, não podes agüentar que ele seja melhor do que tu. Por isso, vais-te embora, não te quero aqui conosco.” (p.29)

Em seu “caderno de anotações”, Ngunga registra mais uma lição: nem todos os adultos são inteiramente maus, pois, o professor, *que é adulto, é capaz de ser ainda um bocado criança (p.30)*. Por isso, ainda é bom. E esta é sua última aprendizagem antes da prova definitiva para tornar-se guerrilheiro. A hora da travessia não se faz esperar e, ao lado do professor, o pioneiro inicia-se no perigoso ofício de Marte: aprende a raiva contra o inimigo, a satisfação de derrubar um adversário e a amarga humilhação da derrota.

Muito longa é a trajetória de aprendizagem de Ngunga e o confronto com a PIDE significa mais uma etapa rica em ensinamentos, da qual faz parte conhecer o pensamento alienado de alguns de seus iguais que, ignorando o significado da luta pela liberdade, repetem o discurso colonial e tornam-se “criados dos portugueses”, não podendo ajudar o pioneiro na libertação do professor:

“– Vocês julgam que vão ser independentes [...]. Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro e deixar de ser ignorante. Agora era tarde. Tinha de preparar tudo sozinho.” (p.37)

Porém, União é transferido para o Luso, frustrando os planos de Ngunga, mas seu grito de alerta fica registrado como *a última lição que dele recebeu: – Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga* (p.38). E como o pequeno David que com algumas pedrinhas e muita sabedoria enfrenta o gigante Golias e consegue vencê-lo, Ngunga, pensando nas palavras de União, elimina o grande monstro que ameaça a causa revolucionária (o chefe da PIDE), recupera as armas para o Movimento e grita para as árvores: – *O pioneiro do MPLA luta onde estiver* (p.39). Reafirmando, com seus atos, a aprendizagem de uma lição essencial para sua vida de guerrilheiro.

Não terminam com este episódio as experiências de Ngunga em seu percurso de reflexão sobre a construção nacional. Em sua errância solitária, reflete sobre sua vida e faz um balanço de suas vivências e dos valores dos que com ele conviveram, concluindo, através da maturidade alcançada em sua trajetória que, *Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o patrão colonialista. Não eram como os G.E. ou o cozinheiro da PIDE. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos.* (p.41).

Pepetela redimensiona sua prática revolucionária ao ultrapassar os limites do campo de batalha e lançar seu apelo de adesão à luta pela independência a todos os seus irmãos angolanos. *As Aventuras de Ngunga* reafirma a realização de seu projeto político-ideológico-literário, espelhando a habilidade do escritor e a convicção do combatente. Seu herói não escapa ao humano e trágico destino de todos os mortais, mas expõe em seu itinerário cada etapa por que deve passar o homem na conquista de seu auto-conhecimento. Com essas experiências de vida são representados, nessa narrativa, caminhos de libertação que refletem a multiplicidade dos fios que compõem o emaranhado tecido existencial, mas que, num imprevisível e inesperado ponto, se cruzam e fortalecem novos laços, outros nós. Assim, nessas bem construídas trilhas de Angola, encontram-se e dão-se as mãos todos aqueles que aprenderam (mesmo sem saber a leitura das palavras) o profundo significado da luta pela liberdade.

Bibliografia:

AGUESSY, HONORAT ET AL. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980.
HEID, JAQUELINE. *O imaginário no poder*. São Paulo: Summus, 1980.

PADILHA, LAURA CAVALCANTE. *Ficção e Angolanidade: novos caminhos dialógicos*. In IV Congresso da Abralic - Literatura e Diferença, s/d, 1991.

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1987.

RODRIGUEZ, SILVIO. *Que levante la mano la guitarra*. Buenos Aires: Juglar, 1987.

SA, VICTOR. *A crise do liberalismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

SANTOS, NUNES PEREIRA. *Costa Andrade, o poeta a(r)mado*. In Anais do I Encontro de Literatura de Língua Portuguesa Org: LAURA CAVALCANTE PADILHA. Niterói : Imprensa da UFF, 1995.

TRIGO, SALVATO. *Ensaaios de Lit. Comp. Afro-luso - Brasileira*. Lisboa: Vega, s/d.

Notas Bibliográficas:

¹RODRIGUEZ, SILVIO. *Que Levante la Mano la Guitarra*. 1987, p. 138.

²SÁ, VICTOR. *A Crise do Liberalismo*. 1978, p. 243.

³SANTOS, RUBENS PEREIRA. “Costa Andrade, o Poeta A(r)mado.” In: *I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. 1991, p. 138.

⁴TRIGO, SALVATO. *Ensaaios de Literatura Comparada, s/d*, p. 156.

⁵Idem. p. 157.

⁶HELD, JACQUELINE. *O Imaginário no Poder*. 1980, p. 127.

⁷*O Cão e os Caluandas* (1985), *Lueji* (1989), *A Geração da Utopia* (1992).

⁸AGUESSY, HONORAT. “Visões e Percepções Tradicionais”. In: *Introdução à Cultura Africana*. 1977, p. 112.

⁹“Os Meninos de Huambo”, canção de Manuel Rui e André Mingas.